

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A “Leitura” Do Audiovisual e a Formação Do Cidadão Crítico¹

Antônio Nolberto de Oliveira Xavier²
Juliana Santos Soledade³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
São Paulo/SP
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Ilhéus/BA

Resumo

O presente estudo visa abordar o conhecimento que professores da rede pública têm sobre Educomunicação e os usos que os mesmos fazem dos meios audiovisuais, enquanto recursos pedagógicos com potencial de formação crítica. A Educomunicação é um campo de convergência entre os comunicadores, educadores e profissionais das demais áreas das Ciências Humanas, a fim de promover a cidadania através de formas alternativas de atingir a grande mídia, quebrando a hegemonia dos sistemas estabelecidos por meio de práticas que incentivem a reflexão crítica. O trabalho aqui proposto teve desdobramentos de observação e recolha de dados com professores e alunos da 5ª série, no Ensino Fundamental, em escola pública de Itabuna. Os dados obtidos pode promover o acesso democrático da população aos meios de comunicação e facilitar o aprendizado através do uso criativo e orientado das tecnologias da informação.

Palavras-chave

Educomunicação, audiovisual, leitura crítica.

Introdução

A Educomunicação está ganhando um importante espaço em fóruns de discussão sobre mídia e cidadania. Esse campo emergente abrange uma série de ações que buscam o

¹ Trabalho apresentado no GT3 Comunicações Científicas - Perspectivas metodológicas, do II Encontro de Educomunicação da Região Sul - Ijuí, 27 e 28 de junho de 2013.

² Doutorando em Comunicação e Semiótica (PUCSP); Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS-RS); Especialista em Educação (ULBRA-RS); Licenciado em Filosofia (UNISINOS-RS); Professor Assistente do Curso de Comunicação Social – Rádio e Televisão (UESC-BA)

³ Especialista em Gestão para a Inovação e Sustentabilidade (UESC/BA); Bacharel em Comunicação – Rádio e TV (UESC/BA); Atua na linha de pesquisa Empreendedorismo, Competitividade e Inovação, no GIS/UESC; Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Educomunicação, Rádio e Televisão.

Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

fortalecimento dos sistemas comunicativos em espaços educativos e o aumento de ações educativas em ambientes comunicativos.

Em sua base, a Educomunicação prevê a formação de cidadãos críticos e participativos, além da reestruturação do espaço educacional tradicional em ambiente moderno de construção e troca de conhecimento, bem como na transformação da mídia em um campo colaborativo e cidadão. A Educomunicação também pode ser considerada como uma área de convergência entre profissionais da mídia, da educação e de diversos campos sociais com o intuito de quebrar a hegemonia dos sistemas estabelecidos, através de uma forma alternativa de cidadania e democracia.

O processo educacional contemporâneo implica um cenário onde a cultura do audiovisual é produtora de conhecimento, levando a informação de modo mais agradável aos lares. Moran (1995) afirma que o fato de o vídeo, por exemplo, ser sensorial, visual, onde outras linguagens interagem, se somam e se superpõem, agrega uma força mais profunda que a linguagem escolar ordinariamente utilizada.

Se o cinema, a televisão, o vídeo e o rádio, por exemplo, podem captar e cativar, de forma mais intensa e rápida, a atenção do aluno, por que não utilizá-los no desenvolvimento do seu potencial crítico? O hábito de assistir a filmes, ver televisão e utilizar a Internet para pesquisas ou para conversar com os amigos auxilia as crianças a se alfabetizarem em linguagens múltiplas. Isso nos possibilita afirmar que a linguagem audiovisual pode ser trabalhada na escola a partir da aliança mídia-educação, estimulando uma dimensão produtiva e informativa, além de reforçar o lado lúdico e social do público infantil.

O não conhecimento do universo midiático constantemente gera um “pré-conceito” que limita as potencialidades das produções. No entanto, uma análise orientada e qualificada sobre os filmes, por exemplo, pode gerar produtivas discussões, no âmbito escolar, a respeito de temas variados.

Segundo o pedagogo espanhol Joan Ferrés (1996), a educação para a reflexão crítica supõe ajuda para se tomar distância no que se refere aos próprios sentimentos, saber identificar os motivos da magia, ter compreensão do sentido explícito e implícito das informações e das histórias e, sobretudo, oferecer condições para que a criança estabeleça relações coerentes e críticas entre o que aparece na tela e a realidade do mundo fora da mesma.



Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

E quanto à escola, como nos posicionamos? Sempre em relação ao amanhã, ao ingresso na universidade, ao ingresso no mercado de trabalho. Daí a valorização do intelectual em detrimento do lúdico, considerado inútil, porque não gera dividendos. [...] Preferimos a escola em que tudo é programado em razão do que será cobrado (PACHECO, 1998, p. 35).

Com certeza, cartazes e músicas, por exemplo, podem ser considerados importantes elementos que se utilizam dos sentidos da visão e da audição como instigadores no processo pedagógico. No entanto, vamos nos ater ao audiovisual enquanto tecnologias que reúnem, ao mesmo tempo, som e imagem, como é o caso da televisão, do vídeo/filme e da Internet, que, por suas características específicas, utilizam várias mídias (sons, diálogos, imagens, músicas, fotografia).

A formação de leitores audiovisuais é necessária para que o princípio de cidadania seja efetivo, uma vez que os indivíduos conhecerão os processos de comunicação de massa estimulando o seu lado crítico e enriquecendo as experiências e práticas do meio.

Os educadores precisam conhecer a metodologia da Educomunicação para estimularem a construção de produtos midiáticos e a autonomia, a fim de que as crianças sejam produtoras do conhecimento e não meras receptoras de informação.

Para Paola Gomes,

[...] a escola não está preparando os alunos para um mundo repleto de imagens, sendo que a própria formação dos professores é deficitária no que se refere ao conhecimento visual. [...] É necessário conhecimento para que os sujeitos consigam lidar com o cabedal de referências imagéticas oferecidas pela cultura contemporânea. Sem uma formação visual adequada, a maioria das pessoas deixa seu olho seguir o fluxo das tendências, copiando ao invés de criar, reproduzindo o que é visto, em vez de singularizar a visão. (GOMES, 2001, p. 196)

A característica polissêmica do conteúdo das mensagens e o reconhecimento do receptor como ativo são elementos essenciais para o entendimento da pesquisa, uma vez que o processo de “ver” o audiovisual não requer apenas o uso da visão, mas de uma multiplicidade de experiências adquiridas antes, durante e depois dessa atividade.

Percebemos que instituições tão importantes no processo de socialização da criança, como a família e a escola, respectivamente, não podem ignorar a influência e potencialidade de agentes como a mídia. Não podem instituir-se como organismos fechados e impenetráveis, uma vez que a sociedade contemporânea é altamente flexível.



Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Essa flexibilidade se refere à adaptação contínua de todos nós às novas práticas culturais e às novas tecnologias, a fim de que não nos tornemos “marionetes” dos meios de comunicação, questionando-os e formando uma visão crítica diante do bombardeio de informações às quais somos expostos diariamente.

Chega ao fim o antigo sistema educacional erigido pela modernidade, cujo símbolo tópico é a universidade, tendo como objetivo a formação de um sujeito coletivo capaz de atender às demandas do processo de industrialização, [...] o contemporâneo caracteriza-se pela globalização dos processos produtivos, materiais e imateriais, pela compressão espaço-temporal e pelas multiplicidades circulantes nas redes midiáticas e informacionais, desterritorializadas. (SCHAUN, 2002, p. 75-76)

A partir do momento em que são oferecidos às crianças materiais audiovisuais selecionados e orientações corretas a respeito desses produtos, o conhecimento é ampliado e o ato de pensar, questionar e responder torna-se mais prazeroso em qualquer ambiente. Uma vez que a criança interage com diversas culturas, inclusive as de mídias, percebemos que é desse contato que ela cria e recria os elementos que constroem sua cultura lúdica, representando, através de linguagens diversas, o conhecimento de si, do outro e do mundo que a cerca. Dessa forma, a escola pode garantir a igualdade e qualidade de acessos da criança a bens culturais, sobretudo, através da Educomunicação.

Em escolas privadas, as condições de utilização dos recursos multimídias são melhores. Geralmente, as escolas privadas possuem laboratórios de informática, salas de vídeo confortáveis e disciplinas que debatem os rumos da sociedade contemporânea, como a disciplina de Atualidades. Já nas escolas públicas, a realidade é bem diferente. Em boa parte delas, os recursos audiovisuais não existem, os professores sentem-se desmotivados pelos baixos salários e pela carga horária excessiva, os alunos sentem dificuldades em disciplinas básicas (como Português e Matemática) e a infraestrutura das escolas deixa a desejar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação referenda, no artigo 36, a necessidade de que a escola utilize novas linguagens, como a tecnológica, nas práticas do ensino brasileiro. O Ministério da Educação chegou a distribuir, em todo o país, o *kit* tecnológico (composto por TV, vídeo e antena parabólica). Muitas escolas não receberam, outras nunca utilizaram os equipamentos. A intenção do *kit* era a melhoria dos recursos midiáticos da escola e a dinamização das aulas, uma vez que a imagem veiculada nos meios audiovisuais é atrativa e



Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

presente, diariamente, no cotidiano das pessoas.

Porém, devido a alguns fatores como falta de conhecimento no manuseio dos equipamentos, falta de espaço nas salas para a instalação do *kit* ou preferência por trabalhos focados, estritamente, no conteúdo dos livros didáticos, muitos educandos perderam a oportunidade de um contato mais aprofundado com os meios de comunicação.

Partindo do pressuposto de que o universo audiovisual pode interferir nas práticas educativas, seja desenvolvendo cognitivamente o estudante, seja estabelecendo relações com seu plano de valores e emoções, indagamos como a escola pública vem se apropriando dos recursos audiovisuais enquanto auxiliares no processo pedagógico.

Sendo a Educomunicação uma proposta recente de estudos e diante do quadro deficitário em que se encontram os envolvidos no ensino público, buscamos a resposta a essa indagação a partir da verificação de uma hipótese: as instituições escolares ainda não reconheceram a importância dos meios de comunicação como recursos pedagógicos eficientes. Mesmo diante de uma sociedade desafiada pelo poder das imagens audiovisuais, resignificando olhares, compreensões e referências sógnicas, muitos professores vêm utilizando o vídeo/filme, a televisão e a Internet como recursos puramente lúdicos.

Um velho amigo em busca de novas interações

O processo de ensino-aprendizagem sempre contou com um aliado muito importante ao longo dos séculos: o livro. O professor faz uso constante desse auxiliar, afinal, com ele, aprendemos a ler, escrever e a sonhar com histórias que transformamos em realidades mentais. Contudo, o mundo contemporâneo não requer apenas essas habilidades para o entendimento da complexa realidade. Além de ler o tradicional livro, que continua sendo a base de muitas salas de aulas, é preciso ler o contexto em que a obra foi produzida.

O livro continua sendo chave, pois nos abre para a primeira alfabetização, essa que deveria possibilitar o acesso não só à cultura letrada, mas também às múltiplas escritas que hoje conformam o mundo da informática e o audiovisual. [...] Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos. (BARBERO, 2000, p. 57)

Para Paulo Freire (1992, p. 21), é de suma importância que o indivíduo aprenda a ler o mundo, “que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘reescrita’ do lido”. O texto

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

imagético, não exclui o texto literário. Inclusive, o interesse pelos livros adaptados para o cinema e para a televisão pode exemplificar essa tendência. Grandes mudanças nas relações sociais ocorreram devido à evolução da imagem. Um simples olhar nas revistas semanais, por exemplo, mostra o quanto a TV e o cinema estão impregnados no nosso cotidiano. Por isso, os resultantes dessa evolução tendem a produzir leituras diferenciadas sobre a mesma imagem.

Para José Manuel Moran, é imprescindível que o educador seja o primeiro a ler o texto imagético.

Só podemos ensinar até onde conseguimos aprender. E se temos tantas dificuldades em ensinar, entre outras coisas, é porque aprendemos pouco até agora. Se admitíssemos nossa ignorância quase total sobre tudo - tanto docentes como alunos - estaríamos mais abertos para o novo, para aprender. (MORAN, 1995, p.2)

Não podemos continuar admitindo um modelo de educação onde as pessoas sejam meras reprodutoras do conhecimento alheio. O ideal da educação é, basicamente, fazer com que o indivíduo se desenvolva pessoalmente e seja capaz de intervir socialmente. Mário Kaplún, citado por Lima (2006), diz que a educação pode ser vista a partir do foco em três concepções básicas: os conteúdos, os efeitos e o processo.

O processo é a instância que analisa a interação dialética do educando com a realidade. Nessa concepção, ele deixa de ser o objeto para se tornar sujeito da ação educativa, dando ênfase ao processo de transformação das pessoas, cuja posição é defendida por Paulo Freire, com a sua pedagogia de transformação/libertação.

Afinal, a leitura não é só uma ação, mas uma relação, conforme reitera Magda Soares.

[...] é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; entre os dois: diálogo? (SOARES, *apud* GOUVÊA, 2001, p. 2)

Desse modo, quando falamos em leitura, fazemos o reconhecimento da interpretação e produção de sentidos envolvidos no ato. E, nesse processo, devemos levar em conta também o que está implícito - algo que não está dito, mas que está significando. Afinal, muitas vezes o sentido não se encontra no texto, mas nas relações que ele faz com outros textos e seu contexto.

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Contribuição do audiovisual no desenvolvimento de competências e habilidades em sala de aula.

Atualmente, a presença constante dos meios de comunicação na vida das pessoas vem alterando as suas formas de convivência e, até mesmo, ressignificando seus olhares sobre o mundo em que vivem. Isso não quer dizer o saber adquirido na instituição escolar deva ser abandonado, mas que novas formas de saber vêm sendo instauradas e necessárias.

Para Edgar Morin, não é a quantidade de informações ou o domínio em uma determinada área que levam ao conhecimento pertinente, para isso, é necessário ter uma visão globalizante e capaz de situar o conjunto, identificando o conhecimento dentro de um contexto.

[...] o ensino por disciplina, fragmentado e dividido, impede a capacidade natural que o espírito tem de contextualizar. E é essa capacidade que deve ser estimulada e desenvolvida pelo ensino, a de ligar as partes ao todo e o todo às partes. (MORIN, 2003, p.3)

Segundo Perrenoud (2000), competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações, para isso, o professor deve estar aberto às novas formas de interação e comunicação na sociedade. Para o autor, o professor que trabalhe a partir dessa perspectiva deve optar por problemas e projetos, propondo tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar os seus conhecimentos. Trata-se de uma pedagogia ativa e cooperativa, aberta para o mundo e para a vida.

Como nosso pensar, nosso jeito de organizar as informações e conhecimento em nosso cérebro é hipertextual, não linear [...] ao professor cabe ser sensível, usar sua intuição e bom senso para que permita a boa fruição da informação, pontos de vistas particulares, instigando à busca de novas conexões com o conhecimento anteriormente adquirido e ampliando-o, relacionando-o ao cotidiano vivencial do aprendiz, para que esse faça sentido e tenha referências práticas. (CHAVES, 1999, p. 9)

Para Barbero (2000, p. 55), “a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados”. Esse é um dos maiores desafios enfrentados pelo ambiente escolar: levar para a sala de aula toda a diversificação e difusão do saber que o mundo da comunicação apresenta.

Marcos Napolitano acredita que o uso do filme em sala de aula pode auxiliar o educando a “aprimorar a capacidade narrativa e descritiva; decodificar signos e códigos não-verbais;

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

aperfeiçoam a criatividade artística e intelectual; desenvolvem a capacidade crítica sociocultural e político-ideológica”. (NAPOLITANO, 2003, p. 18). Desta forma, não só o filme, como outros audiovisuais podem ajudar no desenvolvimento de habilidades e competências, como leitura e elaboração de texto.

Diante dessa afirmação, percebe-se que o audiovisual, como uma linguagem que põe em atividade diversos sentidos, acaba por formar a subjetividade do educando. Mas que tipo de audiovisual?

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. (MORAN, 1995, p. 1)

A televisão, por exemplo, pauta conversações, determina horários e, para muitas pessoas, ainda serve como comprovação visível de um fato.

A televisão é um marco de passagem do período de atraso para o do desenvolvimento e o ponto de saída do isolamento para a entrada no mundo globalizado com maior rapidez. Na memória dos mais velhos, é como se fosse dado o “salto para o futuro”. (TRIGUEIRO, 2008, p. 58)

Portanto, é recomendável que o professor utilize essa expectativa positiva em relação aos audiovisuais, já que esses recursos pressupõem uma fruição do conhecimento totalmente individual, desenvolvido no estado cognitivo do sujeito que interage com essas tecnologias.

Possibilidades de desenvolvimento da leitura crítica do audiovisual

O indivíduo contemporâneo é, cada vez mais, ligado às novas tecnologias e percebe, no audiovisual, a reunião de várias linguagens, envolvendo os sentidos, as emoções, a fala, a escrita.

Uma breve observação no cotidiano das pessoas hoje é suficiente para que se constate que o homem se **forma** e se **informa** através da interação com as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Cinema, televisão, vídeo, Internet, CD-rom, simuladores visuais, telas interativas... É um mosaico de diversas mídias interagindo no universo material, afetivo e cognitivo dos indivíduos. (NOVA; ALVES, 2003, p. 1, grifo dos autores)

Portanto, a junção entre o consciente e o inconsciente permite que o ser humano faça a “leitura” do texto imagético. O vídeo/filme, por exemplo, como um texto imagético, possui suas próprias características de construção e transmissão que devem ser minimamente compreendidas

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

para que o texto possa ser bem explorado como algo mais que um recurso para exemplificar situações da realidade.

É importante fazer com que o educando entenda o contexto e os implícitos das linguagens. O receptor, ao perceber o contexto global da história, acaba por preencher as lacunas que o escritor ou o cineasta deixaram.

São esses espaços que o educador vai ajudar o indivíduo a preencher através de planejamento e intenções próprias, fugindo do exaustivo e inadequado⁴ trabalho com vídeo/filme, por exemplo, em sala de aula, bem como da ausência de uma leitura crítica do mesmo. Do mesmo modo que aprendemos a decifrar os códigos necessários à leitura dos textos escritos, devemos aprender a “ler” os audiovisuais, compreendendo seus códigos específicos.

Se os educandos passam boa parte do seu tempo conectados com as mídias a escola não pode excluir da sua responsabilidade, a tarefa de preparar os cidadãos para uma leitura crítica dos meios de comunicação. Para Ferrés (1996), uma vez que essas práticas potencializam diferentes pensamentos, suscitam, também, outro tipo de respostas afetivas. Por exemplo, enquanto as respostas da leitura permeiam a linha “concordo - não concordo”, os meios de comunicação como um todo implicam respostas do tipo “gosto – não gosto”.

A gratificação proporcionada por esse espetáculo é de ordem sensorial, ao passo que procede de cenários bem elaborados, belos personagens e dos estímulos visuais e sonoros; de ordem mental, por meio da fantasia e do mundo simbólico e, também, de ordem psíquica através da liberação que os processos de identificação e projeção são capazes de provocar no espectador.

Por isso, Ferrés frisa que é importante analisar se os estereótipos vistos nos meios de comunicação são deformadores da realidade ou ajudam a criar uma sociedade mais justa e igualitária através da apresentação positiva de pessoas que pertencem às minorias ou têm algum tipo de deficiência.

As mensagens audiovisuais não utilizam o discurso explícito e sim o relato ideológico, que funciona por comunicação indireta. E um exemplo é suficiente: os anúncios publicitários, cheios de personagens sorridentes graças à magia dos produtos, transmitem a mensagem de que a felicidade é atingida pelo consumo, pela posse dos produtos promovidos. (FERRÉS, 1996, p. 73)

⁴ O vídeo tapa-buraco, vídeo-enrolação, vídeo-deslumbramento, vídeo-perfeição e só vídeo são alguns exemplos que Moran nos fornece do uso inadequado desse suporte.

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

O autor frisa ainda que o perigo decorrente das mensagens subliminares desaparece com a educação, afinal, elas deixam de ser recebidas de forma inconsciente. Além disso, afirma que a pessoa que não consegue interpretar de forma crítica essas mensagens, deveria ser considerada analfabeta funcional.

As dinâmicas e métodos para o trabalho com o audiovisual como recurso pedagógico pressupõem, sobretudo, o estudo de vídeos/filmes e televisão, uma vez que o trabalho com Internet em sala de aula é muito recente. Napolitano e Moran são autores que creem em práticas simples para a utilização de recursos cinematográficos, abordando diversos ambientes do processo de produção/exibição, enquanto Ferrés foca o método de trabalho com a televisão, numa dinâmica globalizante e multidisciplinar.

Para Napolitano (2003), um filme pode ser abordado a partir dos três elementos que estão presentes nos filmes: conteúdo, linguagem ou técnica. Uma **abordagem pelo conteúdo** constitui-se em duas formas: a primeira, quando um filme é a fonte a partir da qual o professor direciona a análise e o debate entre os alunos a partir dos elementos constitutivos da narrativa; a segunda se dá quando um filme é o texto-gerador, que aprofundará o tema e não os elementos do filme. A **abordagem pela linguagem** também possui duas vertentes: primeiro, visando educar o olhar do espectador, discutindo as formas narrativas e os recursos expressivos que o cinema, como linguagem, possui. E, ainda, na segunda forma, interagindo com outras linguagens para desenvolver habilidades, centradas na manipulação e decodificação de linguagens, reconstruindo-as. No terceiro caso, **abordagem pela técnica** do cinema, o mais importante é o estudo das técnicas e tecnologias que tornam o cinema possível, analisando a filmagem, a revelação e a conservação da película, a edição e pós-produção e o marketing, na distribuição e na exibição.

Moran (1995) propõe quatro dinâmicas de análise do vídeo/filme em sala de aula a partir da linguagem: a) **leitura em conjunto**, uma conversa sobre o vídeo, com o professor como moderador; b) **leitura globalizante**, uma análise após a assistência do vídeo sobre aspectos positivos, negativos, ideais principais e o que poderia ser usado do vídeo, em pequeno ou grande grupo; c) **leitura concentrada**, uma análise de uma ou mais cenas marcantes, percebendo o que chama a atenção, o que significam as cenas e quais as aplicações em nossas vidas ou grupo; d)

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

leitura “funcional”, a partir da definição de funções com os alunos analisando determinados aspectos.

Para “educar no meio”, o pedagogo espanhol Joan Ferrés (1996) desenvolveu um método que chama de compreensivo, ou seja, um estudo do audiovisual que contemple todas as faculdades humanas mobilizadas pelas imagens. Como as respostas instantâneas, geralmente, são de caráter emocional (no âmbito gosto-não gosto) é a partir daí que devem ser analisados os materiais audiovisuais.

Ferrés desenvolveu conceitos como **videolição**, **programa motivador** e **videoapoio** para exemplificar como o material televisivo pode ser adaptado à sala de aula, o que ele chama de educar com a televisão.

A **videolição** consiste em incorporar à sala de aula a exibição de documentários, programas educativos e reportagens, por exemplo, como uma aula através do vídeo.

Como **programa motivador** podem ser usadas as mais diversas imagens da televisão, como uma cena de novela, uma parte de um filme ou uma propaganda publicitária. Afinal, o intuito aqui é motivar os alunos a discutirem, interrogarem após a exibição do produto audiovisual.

No **videoapoio** também podem ser usadas quaisquer imagens da televisão, no entanto, a dinâmica é diferenciada. O programa é assistido de maneira fragmentado, pois o professor interrompe para prestar maiores esclarecimentos e para incitar a participação dos alunos durante a exposição do material.

Não é possível pedir aos alunos que façam uma análise puramente racional do meio, afinal, a interação entre espectador e emissor provoca todo tipo de reações. Não se pode excluir a relação afetiva com o meio sob o risco de negar ou marginalizar as sensações e emoções que suscita. Além disso, os alunos devem aprender os princípios técnicos, as noções de estética do meio para que possam compreendê-los e formar uma opinião.

Para Ferrés, uma abordagem multidisciplinar para educar no meio é aquela onde cada área do ensino focalize os conhecimentos que lhes sejam mais próximos, através de análises de filmes, séries e programas, debates e seminários. Por exemplo: A área de Linguagens e Artes plásticas poderia desenvolver trabalhos sobre os meios audiovisuais como formas de expressão ou a área das Ciências, que poderia explorar os princípios técnicos do cinema. Além disso, não

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

há uma especificação das obras a serem estudadas. Todos os produtos audiovisuais têm o que ser analisado.

A contribuição para a formação de cidadãos críticos através de novas leituras dos meios de comunicação

Pode parecer uma mera junção entre Educação e Comunicação, mas, na realidade, o neologismo Educomunicação destaca, significativamente, um terceiro termo, a ação. Não é um campo onde as teorias são prontas, acabadas. É um processo em constante evolução.

Juntar os equipamentos de mídia e fazer um programa de rádio na escola não é Educomunicação. A prática educacional não sugere um grupo orientado por um sujeito definido, mas um grupo que tem regras estabelecidas pelos próprios participantes, levando em consideração o motivo pelo qual estão se reunindo, bem como o objetivo que desejam alcançar.

A Educomunicação em sala de aula pode ajudar a desenvolver o educando enquanto autor de sua existência individual e co-autor da existência social. Não cabe neste conceito, o educando meramente ator social, ele deve se tornar diretor, roteirista, produtor de sua própria existência, apresentador da sua visão de si mesmo e do mundo onde vive.

Uma educação para a comunicação deve **oferecer** condições para que a comunidade descubra a natureza dos processos de comunicação em que está inserida; **ajudar** seus membros a desvendar os mecanismos pelos quais a sociedade – ao utilizar os recursos da comunicação – exerce o poder de manipulação; **favorecer** o exercício de práticas comunicacionais democráticas e libertadoras. (GUARESCHI; BIZ, 2005, p.10, grifo dos autores).

O educando autônomo é o sujeito que compreende que todo e qualquer texto só faz sentido dentro do contexto. E a Educomunicação pretende fazer com que ele entenda que as suas próprias ações, assim como as ações de quaisquer outros, estão sempre inseridas num conjunto maior de ações que podem ser justificáveis ou não.

Para Guareschi e Biz, é importante uma discussão sobre a necessidade de que os cidadãos componham um grupo que seja o Quinto Poder, capaz de desafiar, criticar, enfrentar e responder ao Quarto Poder (a mídia). Para que o Quinto Poder possa exercer sua função fiscalizadora, os cidadãos devem ser educados a fazer uma leitura crítica da mídia.

Gente livre significa gente capaz de saber ler a publicidade e entender para que serve, e não gente que deixa massagear o próprio cérebro; gente que seja capaz de distanciar-

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

se da arte que está na moda, dos livros que estão na moda, gente que pense com a sua cabeça e não com as idéias que circulam ao seu redor. (BARBERO, 2000, p. 60)

Paulo Freire (1967) define a educação como “prática da liberdade”. Diante disso, o papel do educador não é dar respostas, mas perguntas. E são essas perguntas que farão o ser humano refletir sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia, uma vez que a escola não deve restringir seu conteúdo à simples preparação dos alunos para o mercado de trabalho. A escola deve preparar os alunos para uma visão crítica da realidade.

Essa visão crítica pode permitir que os cidadãos não sejam manipulados pela mídia tal como são, a ponto de modificar as suas relações sociais (como a banalização do namoro que foi adaptado ao “ficar”) e programar compromissos com base no horário das programações televisivas.

O processo educativo é de construção permanente do conhecimento. Por isso, a escola deve diversificar e descentralizar as ações por ela promovidas de modo que se utilizem dos meios de comunicação para orientar as crianças que, desde cedo, já têm contato com a ciência e a tecnologia do mundo contemporâneo. Esse processo desencadeia a formação de um novo profissional: o educador.

Segundo Schaun (2002), os profissionais da Educomunicação são indivíduos que crêm na mediação da comunicação com e para a educação enquanto ação política de intervenção na área social pós-moderna, cuja estrutura se baseia na lógica do poder econômico-financeiro internacional e no fenômeno da globalização.

A Educomunicação, segundo os preceitos do professor Ismar Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, pode ser definida como um conjunto de práticas que se destinam a:

- a) integrar o estudo dos meios de comunicação às práticas educativas (cumprindo, assim, uma das solicitações dos Programas Curriculares Nacionais, onde fica estabelecido que os professores devem observar como os meios de comunicação agem na sociedade e de que modo os alunos podem observá-los sem serem manipulados);
- b) criar ambientes democráticos e participativos, entre alunos, escola, professores e comunidade;

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

- c) melhoria do coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas, usando os meios de comunicação como facilitadores no processo de aprendizagem e como recurso de expressão de toda a comunidade.

Mesmo agregando essas práticas, Jacquinot (1998) ressalta que a Educomunicação ainda é tratada com desconfiança pelas áreas de Comunicação e Educação, sobretudo pelas características opostas entre a escola e a mídia: a primeira se interessa por assuntos históricos, fatos que permitam compreender o presente a partir do passado, procura formar cidadãos e repousa sobre a lógica da razão; já a segunda se interessa somente pelos fatos atuais, forma consumidores, repousa sobre o impacto, o emocional e funciona a partir da lógica econômica.

Considerações finais

A Educomunicação sugere que uma habilidade, uma competência favoreça a outra, e conhecendo as particularidades do ambiente escolar é possível obter bons rendimentos no desenvolvimento da criticidade e da resolução de problemas.

No entanto, muitos são os obstáculos enfrentados para que as habilidades e competências sejam primordialmente trabalhadas, como a falta de tempo disponível para o trabalho com audiovisual, tendo em vista os prazos de cumprimento dos cronogramas e programas da Secretaria de Educação.

Além disso, os professores não conhecem referências audiovisuais que podem ser aproveitadas em sala de aula, não têm acesso a um acervo considerável de produtos diversificados (ficando, muitas vezes, restritos ao trabalho com vídeos distribuídos pelo MEC) e reclamam da falta de espaço e/ou equipamento nos laboratórios de informática e de audiovisual.

Infelizmente, percebemos que muitos professores ainda veem os recursos audiovisuais como tecnologias que servem para “distrair” o aluno, ficando com a superficialidade de pequenas atividades observatórias.

Sugerimos que os professores e alunos elaborem técnicas de motivação para a realização de atividades com audiovisuais, de modo que o tempo de aula (entre 45 e 50 minutos) possa ser aproveitado entre disciplinas diversas, seja para o trabalho transdisciplinar seja com produtos midiáticos, como longa-metragem (que, por durarem sempre mais que 90 minutos, são excluídos ou inferiorizados em sala de aula).

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Vale lembrar que todos os conteúdos trabalhados nas disciplinas podem ser aproveitados com algum material audiovisual. Afinal, a Internet, a televisão e o vídeo/filme, focos desta pesquisa, são espaços de conhecimento e saberes múltiplos.

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do campo Comunicação/Educação. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, 1999. (v. 5, n. 14, p. 7-16, jan./abr. de 1999)

_____. Meios de comunicação na escola. In: **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: ECA/USP, 2002. (set./ dez. de 2002, p. 7-15).

_____. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

BARBERO, Jesús Martín. Desafios culturais da comunicação à educação. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/Ed. Moderna: mai./ set. 2000, p. 51-61. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewFile/4108/3860>> Acesso em: 23 Maio 2012.

CHAVES, M.C.S. **O perfil do novo educador frente à informatização no processo ensino aprendizagem**. São Paulo, [1999]. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/cdchaves/_perfileduca.htm> Acesso em: 10 Jul. 2011.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 27. ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1992.

_____. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Mídia, imaginário de consumo e educação. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, 2001. (v. 74, p. 191-224). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S010173302001000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 03 Ago.2011.

GOUVÊA, Guaracira. Práticas de leituras e veículos suporte. In: **Redes cotidianas de conhecimento e tecnologia**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é o educador?** São Paulo: USP, 1998. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nce>> Acesso em: 06 Jun. 2012.

Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

LIMA, Rafaela. **O vídeo na sala de aula**. Salvador: UFBA, 2006. Disponível em: <www.aic.org.br/metodologia/o_video_na_sala_de_aula.pdf> Acesso em: 23 Jun. 2012.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

_____. O vídeo na sala de aula. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA/Ed. Moderna: jan./abr. de 1995, p. 27 -35. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/7948>>. Acesso em: 20 Set. 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. A educação e os desafios da revolução digital. In: **Revista de educação CEAP** (Ano 11, nº 40, Salvador, mar de 2003, p. 29 – 42). Disponível em: <http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/a_educacao_e_os_desafios.pdf> Acesso em: 03 Jun. 2011.

PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos**. Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Papyrus Educação, vol. 1)

_____. **Televisão, criança e imaginário** - Contribuição para a integração escola, universidade e sociedade. Pesquisa integrada financiada pelo CNPq no período de 1994 a 1997. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/lapic/pesquisa/1pesquisa/1_pesquisa.html> Acesso em: 03 Jun. 2011.

PERRENOUD, Philippe. Construindo competências. In: **Revista Nova Escola**. (São Paulo, set de 2000, p. 19-31). Disponível em <http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2000/2000_31.html>. Acesso em: 02 Jul. 2011.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida**. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=138>. Acesso em: 10 Jun. 2012.

_____. Educomunicação, uma revolução na sala de aula. **Folha Dirigida**, São Paulo, 20 dez. 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/exe/public.php?wcp=novidades/informe_7.502> Acesso em: 12 Jun. 2011.

_____. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** São Paulo: USP, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2011

_____. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.



Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

